

## O SOLDADO

### I

Veia tranquila e pura  
De meu paterno rio,  
Dos campos, que ele rega,  
Mansíssimo armentio.

Rocio matutino,  
Prados tão deleitosos,  
Vales, que assombravam selvas  
De sinceirais frondosos,

Terra da minha infância,  
Tecto de meus maiores,  
Meu breve jardimzinho,  
Minhas pendidas flores,

Harmonioso e santo  
Sino do presbitério,  
Cruzeiro venerando  
Do humilde cemitério,

Onde os avós dormiram,  
E dormirão os pais;  
Onde eu talvez não durma,  
Nem reze, talvez, mais,

Eu vos saúdo!, e o longo  
Suspiro amargurado  
Vos mando. E quanto pode  
Mandar pobre soldado.

Sobre as cavadas ondas  
Dos mares procelosos,  
Por vós já fiz soar  
Meus cantos dolorosos.

Na proa ressonante  
Eu me assentava mudo,  
E aspirava ansioso  
O vento frio e agudo;

Porque em meu sangue ardia  
A febre da saudade,  
Febre que só minora

Sopro de tempestade;

Mas que se irrita, e dura  
Quando é tranquilo o mar;  
Quando da pátria o céu  
Céu puro vem lembrar;

Quando, no extremo ocaso,  
A nuvem vaporosa,  
À frouxa luz da tarde,  
Na cor imita a rosa;

Quando, do Sol vermelho  
O disco ardente cresce,  
E paira sobre as águas,  
E enfim desaparece;

Quando no mar se estende  
Manto de negro dó;  
Quando, ao quebrar do vento,  
Noite e silêncio é só;

Quando sussurram meigas  
Ondas que a nau separa,  
E a rápida ardentia  
Em torno a sombra aclara.

## II

Eu já ouvi, de noite,  
Entre o pinhal fechado,  
Um frémito soturno  
Passando o vento irado:

Assim o murmúrio  
Do mar, fervendo à proa,  
Com o gemer do aflito,  
Sumido, acorde soa;

E o cintilar das águas  
Gera amargura e dor,  
Qual lâmpada, que pende  
No templo do Senhor,

Lá pela madrugada,  
Se o óleo lhe escasseia,  
E a espaços expirando.  
Afrouxa e bruxuleia.

### III

Bem abundante messe  
De pranto e de saudade  
O foragido errante  
Colhe na soledade!

Para o que a pátria perde  
É o universo mudo;  
Nada lhe ri na vida;  
Mora o fastio em tudo;

No meio das procelas,  
Na calma do oceano,  
No sopro do galerno,  
Que enfuna o largo pano.

E no entestar coa terra  
Por abrigado esteiro,  
E no pousar à sombra  
Do tecto do estrangeiro.

### IV

E essas memórias tristes  
Minha alma laceraram,  
E a senda da existência  
Bem agra me tornaram:

Porém nem sempre férreo  
Foi meu destino escuro;  
Sufocou de luz um raio  
As trevas do futuro.

Do meu país querido  
A praia ainda beijei,  
E o velho e amigo cedro  
No vale ainda abracei!

Nesta alma regelada  
Surgiu ainda o gozo,  
E um sonho lhe sorriu  
Fugaz, mas amoroso.

Oh, foi sonho da infância  
Desse momento o sonho!  
Paz e esperança vinham

Ao coração tristonho.

Mas o sonhar que monta,  
Se passa, e não conforta?  
Minh'alma deu em terra,  
Como se fosse morta.

Foi a esperança nuvem,  
Que o vento some á tarde:  
Facho de guerra aceso  
Em labaredas arde!

Do fratricídio a luva  
Irmão a irmão lançara,  
E o grito: ai do vencido!  
Nos montes retumbara.

As armas se hão cruzado:  
O pó mordeu o fone;  
Caiu: dorme tranquilo:  
Deu-lhe repouso a morte.

Ao menos, nestes campos  
Sepulcro conquistou,  
E o adro dos estranhos  
Seus ossos não guardou.

Ele herdará, ao menos,  
Aos seus honrado nome;  
Paga de curta vida  
Ser-lhe-á largo renome.

## V

E a bala sibilando,  
E o trom da artilharia,  
E a tuba clamorosa,  
Que os peitos acendia,

E as ameaças torvas,  
E os gritos de furor,  
E desses que expiravam  
Som cavo de estertor,

E as pragas do vencido,  
Do vencedor o insulto.  
E a palidez do morto,  
Nu, sanguento, insepulto,

Eram um caos de dores  
Em convulsão horrível,  
Sonho de acesa febre,  
Cena tremenda e incrível!

E suspirei: nos olhos  
Me borbilhava o pranto,  
E a dor, que trasbordava,  
Pedi-me infernal canto.

Oh, sim!, maldisse o instante,  
Em que buscar viera,  
Por entre as tempestades,  
A terra em que nascera.

Que é, em fraternas lides,  
Um canto de vitória?  
É delirar maldito;  
É triunfar sem glória.

Maldito era o triunfo,  
Que rodeava o horror,  
Que me tingia tudo  
De sanguinosa cor!

Então olhei saudoso  
Para o sonoro mar;  
Da nau do vagabundo  
Meigo me riu o arfar.

De desespero um brado  
Soltou, ímpio, o poeta,  
Perdão! Chegara o mísero  
Da desventura à meta.

## VI

Terra infame! – de servos aprisco,  
Mais chamar-me teu filho não sei;  
Desterrado, mendigo serei:  
De outra terra meus ossos serão!

Mas a escravo, que pugna por ferros,  
Que herdará desonrada memória,  
Renegando da terra sem glória,  
Nunca mais darei nome de irmão!

Onde é livre tem pátria o poeta,  
Que ao exílio condena ímpia sorte.  
Sobre os plainos gelados do norte  
Luz do Sol também desce do céu;

Também lá se erguem montes. e o prado  
De boninas, em Maio. se veste;  
Também lá se meneia o cipreste  
Sobre o corpo que à terra desceu.

Que me importa o loureiro da encosta?  
Que me importa da fonte o ruído?  
Que me importa o saudoso gemido  
Da rolinha sedenta de amor?

Que me importam outeiros cobertos  
Da verdura da vinha, no Estio?  
Que me importa o remanso do rio,  
E, na calma, da selva o frescor?

Que me importa o perfume dos campos,  
Quando passa da tarde a bafagem,  
Que se embebe, na sua passagem,  
Na fragrância da rosa e alecrim?

Que me importa? Pergunta insensata!  
É meu berço: a minha alma está lá...  
Que me importa... Esta boca o dirá?!  
Minha pátria, estou louco... menti!

Eia, servos! O ferro se cruze,  
Assobie o pelouro nos ares;  
Estes campos convertam-se em mares,  
Onde o sangue se possa beber!

Larga a vala!, que, após a peleja,  
Todos nós dormiremos unidos!  
Lá, vingados, e do ódio esquecidos,  
Paz faremos... depois do morrer!

## VII

Assim, entre amarguras,  
Me delirava a mente;  
E o Sol ia fugindo  
No termo do Ocidente.

E os fortes lá jaziam

Coa face ao céu voltada;  
Sorria a noite aos monos,  
Passando sossegada.

Porém, a noite deles  
Não era a que passava!  
Na eternidade a sua  
Corria, e não findava.

Contrários ainda há pouco,  
Irmãos, enfim, lá eram!  
O seu tesouro de ódio,  
Mordendo o pó, cederam.

No limiar da morte  
Assim tudo fenece:  
Inimizades calam,  
E até o amor esquece!

Meus dias rodeados  
Foram de amor outrora;  
E nem um vão suspiro  
Terei, morrendo, agora,

Nem o apertar da dextra  
Ao desprender da vida,  
Nem lágrima fraterna  
Sobre a feral jazida!

Meu derradeiro alento  
Não colherão os meus.  
Por minha alma aterrada  
Quem pedirá a Deus?

Ninguém! Aos pés o servo  
Meus restos calcará,  
E o riso ímpio, odiento,  
Mofando soltará.

O sino lutuoso  
Não lembrará meu fim:  
Preces, que o morto afagam,  
Não se erguerão por mim!

O filho dos desertos,  
O lobo carniceiro,  
Há-de escutar alegre  
Meu grito derradeiro!

Ó morte, o sono teu  
Só é sono mais largo;  
Porém, na juventude,  
É o dormi-lo amargo:

Quando na vida nasce  
Essa mimosa flor,  
Como a cecém suave,  
Delicioso amor;

Quando a mente acendida  
Crê na ventura e glória;  
Quando o presente é tudo.  
E inda nada a memória!

Deixar a cara vida,  
Então é doloroso,  
E o moribundo à Terra  
Lança um olhar saudoso.

A taça da existência  
No fundo fezes tem;  
Mas os primeiros tragos  
Doces, bem doces, vem.

E eu morrerei agora  
Sem abraçar os meus,  
Sem jubiloso um hino  
Alevantar aos Céus?

Morrer, morrer, que importa?  
Final suspiro, ouvi-lo  
Há-de a pátria. Na terra  
Irei dormir tranquilo.

Dormir? Só dorme o frio  
Cadáver, que não sente;  
A alma voa a abrigar-se  
Aos pés do Omnipotente.

Reclinar-me-ei à sombra  
Do amplo perdão do Eterno;  
Que não conheço o crime,  
E erros não pune o Inferno.

E vós, entes queridos,  
Entes que tanto amei,

Dando-vos liberdade  
Contente acabarei.

Por mim livres chorar  
Vós podereis um dia,  
E às cinzas do soldado  
Erguer memória pia.